

Editorial

Geografia e Saúde: uma aproximação possível e relevante

Camilo Darsie

Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC – Santa Cruz do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil

Cristianne Maria Famer Rocha

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil

Prezadas leitoras e prezados leitores da Revista Ágora!

As aproximações entre os campos da Geografia e da Saúde se tornaram potencializadas a partir dos referenciais teóricos da geografia pós-estruturalista, especialmente no contexto da bibliografia anglo-saxônica. Partindo do conceito de saúde promovido pela Organização Mundial de Saúde, que a entende como um estado de bem-estar completo, físico, mental e social das pessoas e diversas dimensões da existência, foram estabelecidos debates e pesquisas que direcionam atenção aos aspectos coletivos do setor saúde e, em especial, àqueles ligados ao espaço em suas mais variadas escalas.

Conforme apontado por Raul Borges Guimarães, no texto “Geografia da Saúde: categorias, conceitos e escalas”, de 2015, foi criação da revista *Health and Place*, em 1995, que concretizou este movimento, pois a partir dela ocorreu a continuidade do debate das relações entre Geografia e Saúde. Assim, o periódico, por meio de seu caráter dinâmico e interdisciplinar, que também caracteriza o campo temático, tem publicado resultados de pesquisas que ajudam a divulgar o pluralismo metodológico relativo à investigação dos processos de produção das informações e da construção social dos significados do termo saúde.

Nesta direção, convém destacar que, na perspectiva da geografia pós-estruturalista, o espaço deve ser abordado, como um produto que se desenvolve conjuntamente às questões culturais que dão forma às espacialidades. As espacialidades, de acordo com ele, são as dinâmicas que abrangem as mais distintas formas de relações sociais articuladas às materialidades existentes, bem como as resultantes dessas. Conforme autores que operam nesta perspectiva, o espaço é algo que precisa ser tomado por meio da complexidade das dinâmicas sociais que ocorrem em seu interior e que lhe dão formas e significados.

Vale dizer que a própria utilização de expressões como: ‘no espaço’, ‘dentro do espaço’, ‘pelo espaço’, sugerem um deslocamento em relação aos entendimentos mais tradicionais. Isto significa dizer que o espaço não é, exatamente, um elemento ‘morto’ ou uma ‘base’ sobre a qual os fenômenos ocorrem, mas algo vivo e ativo no que se refere às mais diversas dinâmicas

sociais. Em outras palavras, é a resultante e o resultado de tudo o que podemos apreender.

Tendo em vista estas colocações, podemos pensar que o espaço e a saúde, ou ainda, a Geografia e a Saúde se estabelecem como categorias cujos indicies de qualidade e/ou precariedade, na maioria das vezes se equivalem. O espaço é um produto dos discursos da saúde relacionados à segurança da vida e vice-versa. Tais discursos disparam transformações culturais significativas que agem (re)produzindo-o materialmente e simbolicamente. Reforçamos que isso ocorre tanto por meio de alterações relacionadas às estruturas espaciais que passam a ser sugeridas por agências como a Organização Mundial da Saúde e o Ministério da Saúde Brasileiro quanto pelos significados que passamos a atribuir a determinadas áreas e às espacialidades nelas vividas.

Para além disto, o espaço é gerenciado, controlado, atendido e analisado por meio das categorias que lhe compõem, quais sejam, o território, a região, entre outras. Estes são os conceitos mais utilizados no que se refere ao planejamento e discussões elaboradas no Brasil, enquanto que o espaço, enquanto dimensão, e o lugar são bastante mencionados em outros países.

Partindo destas ideias, destacamos que ao organizar este dossiê temático, buscamos dar conta destas discussões da maneira mais heterogenia possível. Tal fato proporcionou a sequência de textos que seguem:

“The people’s health movement: an alternative to the globalization of health”, escrito por Ravi Narayan, Claudio Schuftan e Mariana da Rosa Martins, é o primeiro texto da coletânea e apresenta o Movimento pela Saúde dos Povos, criado no ano 2000, durante a primeira Assembleia pela a Saúde dos Povos. O movimento é formado por ativistas que, em diversos lugares do mundo, trabalham na direção de garantir a noção de saúde de qualidade para todos. Assim, apresentam como ocorreu uma rede de discussão e ativismo em prol da saúde em escala global. Entre seus argumentos, se encontra, de forma intrínseca, a ideia de compressão espaço-tempo, tendo em vista a possibilidade de reivindicações coletivas em diversos lugares do mundo.

Na sequência, no artigo, **“O Sistema Nacional de Saúde Cubano e a Geopolítica: reflexões a partir de vivências *in loco*”**, Rosane Machado Rollo e Douglas Luís Weber, relatam suas experiências durante o “Curso de Atenção Primária em Saúde e Medicina Familiar”, organizado e oferecido pela Escola Nacional de Saúde Pública (ENSAP), do Ministério de Saúde de Cuba, durante o mês de janeiro de 2015, em La Habana. O estudo contextualiza as experiências com o intuito de promover a reflexão acerca das unidades e dos serviços oferecidos pelo Sistema Nacional de Saúde Cubano, tendo em vista as Cooperções Internacionais de Saúde em Cuba, a partir da Revolução de 1959. As atividades desenvolvidas, junto aos profissionais da ENSAP, bem como aos profissionais dos serviços visitados.

No artigo **“Filantropo-capitalismo estadunidense e a agenda da saúde global: as fundações Rockefeller e Gates, passado e presente”**, de Anne Emanuelle Birn, Judith Richter e Camilo Darsie, a Saúde Global é tomada como ponto de partida para a discussão de questões geoeconômicas ligadas ao campo da saúde. Conforme referem os autores, a Saúde Global, na contemporaneidade, é fortemente marcada por questões econômicas e geopolíticas que, frequentemente, colocam à prova os principais objetivos das Instituições responsáveis pela sua manutenção e manejo. Assim, duas importantes Fundações – Rockefeller e Bill e Melinda Gates – são analisadas por terem importante participação no redirecionamento das ações em Saúde e, principalmente, no que se refere às lógicas de investimento em saúde ligadas à filantropia. Partindo disto, são discutidas as participações das Fundações em diferentes momentos históricos e as questões emergentes daquilo que chamam de filantropo-capitalismo. São problematizados os meios pelos quais tais Fundações interferem na lógica da gestão pública e/ou privada da Saúde Global com o objetivo de alertar sobre a necessidade de atenção acerca das atuais ações e campanhas de saúde financiadas pelo setor privado.

“Apontamentos sobre a produção do sujeito migrante por meio dos discursos da saúde e da dinâmica do espaço em escala global”, escrito por Betina Hillesheim e Douglas Luís Weber, é o texto que encerra as discussões, neste dossiê, acerca da Saúde Global. Nele, é apresentada uma reflexão, emergente de uma pesquisa feita em 2017, acerca dos discursos da saúde promovidos pelas agências internacionais que envolvem migrantes no espaço global. Partindo de referencial teórico das áreas da Geografia, da Saúde e de documentos oficiais publicados por tais agências, são discutidos os conceitos de espaço e espacialidades e a produção dos sujeitos migrantes pelo viés da saúde global. Nessa perspectiva, os autores argumentam que os migrantes têm sido foco de inúmeras discussões, em nível internacional, relacionadas ao controle de doenças. Assim, a preocupação direciona-se para o fato de que o migrante passa a ser considerado um risco para as populações autóctones tendo em vista as espacialidades produzidas em seus lugares de origem.

Com o texto **“O Sistema Único de Saúde brasileiro e suas territorialidades”**, Carina Kirst e Patrícia Krieger Oliveira, nos ajudam a adentrar nas discussões que envolvem o território brasileiro. Elas tratam das territorialidades na construção da saúde pública brasileira, a partir dos movimentos que constituíram a Saúde Coletiva e o Sistema Único de Saúde - SUS. Operam com o conceito de territorialidade a partir da noção de des-re-territorialização, de Deleuze e Guatarri, que diz respeito a movimentos contínuos e concomitantes que constroem não somente espaços, mas subjetividades. Para tanto, utilizam o recorte de uma dissertação de mestrado que versa sobre a Política Nacional de Humanização, a fim de discutirem a produção da Saúde Coletiva e do SUS.

Cristianne Maria Famer Rocha, Julio Celso Borello Vargas e Luísa Horn de Castro Silveira apresentam o texto **“Mobilidade urbana saudável e segregação socioespacial: desafios da aliança entre pesquisa e participação comunitária”**. Nele, apresentam o conceito de “Mobilidade urbana saudável” que trata da forma como a estrutura física das cidades afeta a mobilidade da população e como esta se relaciona com a saúde e o bem-estar coletivos. O artigo busca compartilhar a experiência da realização de uma pesquisa sobre mobilidade urbana saudável na Região Cruzeiro em Porto Alegre (RS) e as vivências e reflexões suscitadas durante a coleta de dados. O texto traz uma descrição analítica das etapas que possibilitaram a coleta no local, utilizando anotações de diário de campo e o relatório de pesquisa como fontes de informação. A partir das reflexões geradas, ressaltam a importância da participação comunitária em associação com a pesquisa acadêmica na busca de transformações sociais, ainda que, para tanto, barreiras simbólicas precisem ser superadas.

Em **“Dinâmica regional do Centro-oeste brasileiro e a saúde do idoso: análise dos indicadores de mortalidade por quedas”**, Denise Coughi de Carvalho Veríssimo Freitas, Priscila Maria Stolses Bergamo Francisco, Vera Regina Lorenz, Jane Kelly Oliveira Friestino e Fabrícia Ramos Rezende analisam as características sociodemográficas dos idosos que foram a óbito por queda, na Região Centro-Oeste do Brasil, no período de 2006 a 2012. Trata-se de um estudo ecológico, realizado com dados de óbitos do Sistema de Informação sobre Mortalidade do Ministério da Saúde junto aos dados populacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Os achados das pesquisadoras evidenciam um aumento na mortalidade por queda no período e local estudados, sendo mais elevado entre longevos.

“Configuração socioespacial e problemas de saneamento em uma periferia metropolitana: o caso do bairro Jardim Gramacho – Duque de Caxias”, de Marize Bastos da Cunha, Rosely Magalhães de Oliveira e Maria Inês Corrêa Cárcamo é o último artigo que compõem o dossiê. O estudo trata a relação entre a configuração espacial e os problemas de saneamento num bairro da periferia da região metropolitana do Rio de Janeiro, considerando a complexidade e a heterogeneidade desse lugar. O estudo apresentou uma possibilidade de analisar os problemas de saneamento considerando a configuração espacial, através de dados quantitativos aliados a dados qualitativos, percebendo não só os números, mas como os grupos vivenciam os problemas de saúde.

Dentre os artigos de “tema livre”, **“Análise socioespacial de uma favela em Florianópolis (SC): a comunidade Vila do Arvoredo”**, de Mário Freitas e Rubens Staloch, trata dos problemas de planejamento que Florianópolis (SC) enfrenta nas suas diversas escalas espaciais, com especial destaque para as regiões com maior pressão imobiliária, como os balneários turísticos e de veraneio. Os autores, verificaram, portanto, o perfil socioespacial das famílias de uma favela, de uma comunidade instalada irregularmente, de forma muito

precária, em uma Área de Preservação Permanente (APP), composta por dunas, no balneário de Ingleses, localizado no nordeste da parte insular de Florianópolis (SC).

No artigo de Mauro Kumpfer Werlang, Cibele Stefano Saldanha e Najjara Klafke Dalla Lana, “**Organização espacial do município de Vacaria, RS: reestruturação das cadeias produtivas**” discutem a nova reestruturação das cadeias produtivas, buscando compreender a nova organização espacial do município de Vacaria, no Rio Grande do Sul. A pesquisa analisou a organização espacial do município, buscando reconhecer a inserção das novas cadeias produtivas. A estrutura metodológica baseou-se em definir o marco conceitual da pesquisa através do aprofundamento da matriz teórica, posteriormente buscaram-se levantamentos de informações em fontes secundárias e paralelamente foi realizado o trabalho de campo.

Ainda, em “**A contratação de jovens e crianças na indústria de Santa Cruz do Sul: o caso da Mercur entre anos de 1924 e 1970**”, de Fernando Ataíde Porto, é apresentada uma investigação acerca do processo de contratação de crianças e jovens nas indústrias do município de Santa Cruz do Sul, entre os anos de 1924 e 1970. O artigo toma como referência os dados cadastrais dos trabalhadores da empresa Mercur, indústria de artefatos de borracha. O autor destaca um processo em que a força de trabalho de crianças e jovens era muito requisitada pela indústria e fomentada pelas famílias devido as necessidades de subsistências. Contudo, explica que ao longo do período estudado, passa a emergir um processo de adequação às leis trabalhistas de 1943, por parte da empresa, que resulta em uma mudança no perfil dos trabalhadores menores de 18 anos.

Finalizando esta edição, em “**Um estudo da evolução urbana no município de Cordeirópolis/SP: com auxílio do SIG**”, Paulo Henrique Vieira e Aline Cristina Alves da Silva Vieira discutem as atividades industriais do Polo Cerâmico de Santa Gertrudes (considerado o maior polo cerâmico da América), na microrregião de Limeira/SP. Assim, analisaram a transformação urbana do município por meio de revisão bibliográfica, organização da base cartográfica digital, aplicação do SIG e saídas de campo. O trabalho demonstra a influência que as indústrias cerâmicas tiveram no crescimento urbano do município atraindo um grande contingente de migrantes para trabalhar nas indústrias.

Desejamos aos leitores e leitoras uma boa leitura!
